

24.03.22

→ 22h00

T

A

G

V

POESIA

# declAMAR

# Poesia

Poemas do Contra (porque sim: este coletivo simpatiza com quem não é a favor)



O coletivo declAMAR Poesia, Vanda Ecm, Olga Coval, Catarina Matos, Lurdes Telmo e Rui Amado, têm em comum o gosto pela poesia e têm vindo a fazer leituras partilhadas, num ambiente intimista, criando assim um espaço informal de encontro com pessoas de gostos afins.

Definido um tema, selecionam autores e poemas, organizam um alinhamento com cinco ou seis rondas e desafiam o público anónimo a aparecer. Todas as sessões representam um estímulo para passar o serão em convívio num ambiente literário informal. No final é lançado um repto aos membros do público, o microfone aberto: uma possibilidade de vencer a timidez e dizer poesia própria ou alheia em palco.

**Curadoria e leitura dirigida por** Catarina Matos, Lurdes Telmo, Olga Coval, Rui Amado e Vanda Ecm  
**Coordenação** Luísa Lopes, Marisa Santos

**Local** Café TAGV **Duração aprox.** 40 min. (leitura dos poemas selecionados) + microfone aberto  
**Entrada** Livre (lotação limitada)

### **VANDA ECM (Sem título – António Amaral Tavares)**

Não qualquer coisa  
como expor o estendal do medo  
não uma oração pelo mundo  
no fio do horror e da ignorância.

Não a acidez de uma dança  
para purgar o veneno  
dissolver no sangue as sombras centípedes  
não levantar um pássaro morto do chão  
pensarão que sou humano.

Não destapar os subterrâneos da cidade  
para que sejam apenas meus os seus  
mistérios  
não um dia que arranque as varas do  
tronco  
lançar um pombo correio pela janela.

Não arrancar as agulhas da língua  
polir os dentes e as palavras  
expor à carícia os animais marinhos  
para voltar a viver como há mil anos.  
Não falar. Calar todo o clamor.

Eu não peço desculpa.

### **OLGA COVAL (Não há vagas – Ferreira Gullar)**

### **CATARINA MATOS (Lisbon Revisited – Álvaro de Campos)**

## **LURDES TELMO (Ainda não – António José Forte)**

Ainda não  
não há dinheiro para partir de vez  
não há espaço de mais para ficar  
ainda não se pode abrir uma veia  
e morrer antes de alguém chegar

ainda não há uma flor na boca  
para os poetas que estão aqui de passagem  
e outra escarlata na alma  
para os postos à margem

.  
ainda não há nada no pulmão direito  
ainda não se respira como devia ser  
ainda não é por isso que choramos às vezes  
e que outras somos heróis a valer

ainda não é a pátria que é uma maçada  
nem estar deste lado que custa a cabeça  
ainda não há uma escada e outra escada depois  
para descer à frente de quem quer que desça

.  
ainda não há camas só para pesadelos  
ainda não se ama só no chão  
ainda não há uma granada  
ainda não há um coração

## **RUI AMADO (Soneto - Carlos de Oliveira)**

Acusam-me de mágoa e desalento,  
como se toda a pena dos meus versos  
não fosse carne vossa, homens dispersos,  
e a minha dor a tua, pensamento.  
Hei-de cantar-vos a beleza um dia,  
quando a luz que não nego abrir o escuro  
da noite que nos cerca como um muro,  
e chegares a teus reinos, alegria.  
Entretanto, deixai que me não cale:  
até que o muro fenda, a treva estale,  
seja a tristeza o vinho da vingança.  
A minha voz de morte é a voz da luta:  
se quem confia a própria dor perscruta,  
maior glória tem em ter esperança.

## **II**

### **VANDA ECM (Um inferno é um inferno, é um inferno – Francisca Camelo)**

hoje sonhei que tinha o corpo inteiro tatuado  
propositadamente para disfarçar as marcas feias  
(marcas de quê?, perguntava-me, mesmo no sonho, marcas de quê?)  
depois de repente  
estava nua no meio de um corredor de supermercado

um velho asqueroso tocou-me gritei,  
pedi para por favor parar  
ele não parou  
mas riu-se bastante “eu páro quando quiser”, respondeu  
as pessoas olharam mas não agiram  
tentava vestir-me mas o vestido estava rasgado e não entrava no meu corpo  
ou o meu corpo não entrava nele  
(eu continuava a perguntar-me porquê)  
pedia ajuda  
passaram três polícias  
jovens brancos bem parecidos  
ficaram a olhar de longe, mas em vez de se aproximarem  
comentaram de longe as minhas tatuagens  
elogiaram o corpo  
o mesmo corpo que eu segundos antes naquele sonho  
odiava de raiz, com todos os seus desenhos  
que serviam para disfarçar as cicatrizes  
(marcas de quê, afinal?, continuava a perguntar-me)  
eles examinavam-me sem se aproximarem e eu pensava: ACAB - all cops are  
bastards AMAB - all men are bastards ATAB - all tattoos are stupid  
a minha cabeça continuava a elaborar acrónimos intermináveis  
acordei cansada do silêncio  
nós cerramos os olhos mas vemos (às vezes somos a força policial de nós  
mesmas) dizemos desconhecer a origem deste nojo  
desta tristeza  
fazer de conta é mais fácil mas nós sabemos  
ele sabe tu sabes eu sei  
são quatro da tarde e ainda choro as notícias  
há gatilhos fodidos  
a humilhação de uma de nós serve na pele de todas  
brasileira portuguesa moçambicana inglesa chinesa nós somos uma  
uma é todas  
esta garganta apertada que não sabe se grita se se rasga  
há este nó que nunca se desfaz:  
a violência é uma violação  
o medo da violência é uma violação:  
ter medo por si só é já uma forma de estupro  
ACAB  
AMAB  
ATAS  
os acrónimos intermináveis do medo nas paredes da rua da minha cabeça  
(a mãe da mariana relatou ter encontrado a filha semi-desmaiada com um  
vestido que fedia a sémen,  
e a expressão que relatam as últimas seis palavras da frase anterior  
não me saía da cabeça nem enquanto dormia,  
talvez fosse esse o vestido que não entrava  
ou talvez eu não quisesse entrar nesse vestido:  
pelo menos nos sonhos temos o direito da recusa a vestir algo  
que fará de nós vítimas imediatas - e não falo do vestido: falo do macho,  
eu não quero (re)vestir mais machos  
eu quero que eles se acanhem na vergonha do medo que provocam  
eu quero reparação  
eu quero mais do que justiça  
eu quero caminhar à noite sozinha)  
a violência a normalização da violência  
a normalização do silêncio  
se não ficares calada és uma puta uma louca e desfazem-te

- em casa, trancada,  
ou no tribunal em frente às câmaras –  
mas se ficas calada: começa o relógio decrescente para a auto-destruição  
este sonho tem tantas interpretações  
as tatuagens como cicatrizes  
o querer cobrir-me e não poder  
querer protecção e não ter  
o desespero da nudez forçada no meio do supermercado  
as interpretações, sendo honesta nem são tantas assim:  
a violência  
é medo  
o medo  
é uma violação uma violação  
é um pesadelo  
o pesadelo é um supermercado  
e um supermercado é um inferno  
é um inferno é um inferno é um inferno é um inferno é um inferno é um inferno.

### **OLGA COVAL (Notícia para colar na arede – Egito Gonçalves)**

Por aqui andamos a morder as palavras  
dia a dia no tédio dos cafés  
por aqui andaremos até quando  
a fabricar tempestades particulares  
a escrever poemas com as unhas à mostra  
e uma faca de gelo nas espáduas por aqui continuamos  
ácidos cortantes a rugir quotidianamente até ao limite da  
respiração  
enquanto os corações se vão enchendo de  
areia  
lentamente  
lentamente

### **CATARINA MATOS (Movimento Perpétuo Associativo – Pedro da Silva Martins)**

Agora sim, damos a volta a isto!  
Agora sim, há pernas para andar!  
Agora sim, eu sinto o optimismo!  
Vamos em frente, ninguém nos vai parar!  
-Agora não, que é hora do almoço...  
-Agora não, que é hora do jantar...  
-Agora não, que eu acho que não posso...  
-Amanhã vou trabalhar...  
Agora sim, temos a força toda!  
Agora sim, há fé neste querer!  
Agora sim, só vejo gente boa!  
Vamos em frente e havemos de vencer!  
-Agora não, que me dói a barriga...  
-Agora não, dizem que vai chover...  
-Agora não, que joga o Benfica...  
e eu tenho mais que fazer...  
Agora sim, cantamos com vontade!  
Agora sim, eu sinto a união!  
Agora sim, já ouço a liberdade!

Vamos em frente, e é esta a direcção!

-Agora não, que falta um impresso...

-Agora não, que o meu pai não quer...

-Agora não, que há engarrafamentos...

-Vão sem mim, que eu vou lá ter...

**LURDES TELMO (Asas – José Fanha)**

**RUI AMADO (As coisas que importam – António Cabrita)**

**III**

**VANDA ECM (Queixa das almas censuradas – Natália Correia)**

Dão-nos um lírio e um canivete  
E uma alma para ir à escola  
Mais um letreiro que promete  
Raízes, hastes e corola  
Dão-nos um mapa imaginário  
Que tem a forma de uma cidade  
Mais um relógio e um calendário  
Onde não vem a nossa idade  
Dão-nos a honra de manequim  
Para dar corda à nossa ausência  
Dão-nos um prémio de ser assim  
Sem pecado e sem inocência  
Dão-nos um barco e um chapéu  
Para tirarmos o retrato  
Dão-nos bilhetes para o céu  
Levado à cena num teatro  
Penteiam-nos os crâneos ermos  
Com as cabeleiras dos avós  
Para jamais nos parecermos  
Connosco quando estamos sós  
Dão-nos um bolo que é a história  
Da nossa historia sem enredo  
E não nos soa na memória  
Outra palavra para o medo  
Temos fantasmas tão educados  
Que adormecemos no seu ombro  
Sonos vazios despovoados  
De personagens do assombro  
Dão-nos a capa do evangelho  
E um pacote de tabaco  
Dão-nos um pente e um espelho  
Pra pentearmos um macaco  
Dão-nos um cravo preso à cabeça  
E uma cabeça presa à cintura  
Para que o corpo não pareça  
A forma da alma que o procura  
Dão-nos um esquife feito de ferro  
Com embutidos de diamante  
Para organizar já o enterro  
Do nosso corpo mais adiante  
Dão-nos um nome e um jornal  
Um avião e um violino

Mas não nos dão o animal  
Que espeta os cornos no destino  
Dão-nos marujos de papelão  
Com carimbo no passaporte  
Por isso a nossa dimensão  
Não é a vida, nem é a morte

**OLGA COVAL (Desversos - Fernando Assis Pacheco)**

A minha proposta reduz-se a isto  
nem mais um aluno para os liceus  
o verdadeiro ensino está na vida  
da pá e pica aos moinhos de vento

que sensaboria a História Antiga  
com os seus heróis e os seus reis  
tanto estudante a fingir que estuda  
e faltam braços para o pastoreio

as artes nobres: varrer sachar empar  
e outras: bordar coser fazer renda  
não tenho nada contra a poesia  
mas é mais útil a limpeza a seco

**CATARINA MATOS (Nada de Poesia – Mário Henrique-Leiria)**

**LURDES TELMO (A emoção é como um pássaro – Reinaldo Ferreira)**

**RUI AMADO (A experiência da Primavera – António José Fernandes)**

**IV**

**VANDA ECM (s/título – Rui Almeida)**

Marxistas somos nós todos,  
Queiramos ou não, do mais  
Anafado capitalista ao menos  
Solvente proletário; pouco ou nada  
Podemos fazer, desde Kant ou Hegel  
É impossível escapar, está-nos  
No sangue, bebêmo-lo com o leite  
Espesso de nossas mães.  
Pequenos Comerciantes, tarefeiros, calistas  
Por conta própria, artistas  
Dependentes do mecenato, sucateiros,  
Viscondes, senhoras ponderosas  
A viver dos rendimentos, doceiras  
De Amarante, barristas de Barcelos,  
Cristãos muito devotos (olha quem!), taxistas, talhantes anémicos, Mulheres da  
vida, homens da morte,  
Marialvas, sem-abrigo.

Todos  
E mais algum: marxistas  
Sem tirar nem pôr.  
Mais ou menos  
Científicos, mais ou menos teóricos,  
Todos encharcados da dialética  
Moída e sorvida no refluxo  
Da História.  
E leninistas, prontos  
A tomar o poder a qualquer momento,  
A implantar o sol radioso sem margem  
Para negociações.  
Todos,  
Desde o arquitecto famoso  
Até à empregada da pastelaria,  
Passando por bombeiros,  
Agentes da autoridade ou qualquer um  
Dos autarcas em funções.  
Mais ou menos praticantes, mais  
Ou menos conscientes ou convictos,  
Satisfazendo a pulsão da luta  
De classes na lábia da propaganda  
Ou no delírio singelo  
Da palavra de ordem contra o fascismo,  
Contra a precariedade, contra  
A falsa fé dos mais altos caciques.  
Há excepções: talvez um ou outro filho  
De Bakunine, uns quantos hippies  
E aquela senhora ali em baixo  
Que deixa todos os dias comida para os gatos.

### **OLGA COVAL (No more tears – Adília Lopes)**

Quantas vezes me fechei para chorar  
na casa de banho da casa da minha avó  
lavava os olhos com shampoo  
e chorava  
chorava por causa do shampoo  
depois acabaram os shampoos  
que faziam arder os olhos  
no more tears disse Johnson & Johnson  
as mães são filhas das filhas  
as filhas são mães das mães  
uma mãe lava a cabeça da outra  
e todas têm cabelos de crianças loiras  
para chorar não podemos usar mais  
shampoo  
e eu gostava de chorar a fio  
e chorava  
sem um desgosto sem uma dor sem um  
lenço  
sem uma lágrima  
fechada à chave na casa de banho  
da casa da minha avó  
onde além de mim só estava eu

também me fechava no guarda-vestidos  
grande  
mas um guarda-vestidos não se pode  
fechar por dentro  
nunca ninguém viu um vestido a chorar.

### **CATARINA MATOS (Resistência – Maria Teresa Horta)**

Ninguém me castra a poesia  
Se debruça e me põe vendas  
Censura aquilo que escrevo  
Nem me assombra os poemas

Ninguém me apaga os versos  
Nem amordaça as palavras  
Na invenção de voar  
Por entre o sonho e as letras

Ninguém me cala na sombra  
Deitando fogo aos meus livros  
Me ameaça no medo  
Ou me destrói e algema

Ninguém me aquieta a escrita  
Na criação de si mesma  
Nem assassina a musa  
Que dentro de mim se inventa

### **LURDES TELMO (Para-me de repente o pensamento – Ângelo de Lima)**

### **RUI AMADO (Ler pelo não – Paulo Leminski)**

### **V VANDA ECM (A Terceira Geração - Rainer Werner Fassbinder (1979) - José Miguel Silva)**

Na infância chove sempre muito e chovia também  
Nessa manhã quando, a caminho da escola, o Tono Bom  
Me perguntou se eu era pelo Pato ou pelo Otelo.  
Eu tinha sete anos e não usava ainda óculos;  
De política sabia apenas a cantiga da gaivota que voava  
Na rádio e o punho fechado da prudente maioria silenciosa.  
Otelo ou Pato? Pato ou Otelo? Vivíamos, como se percebe,  
Num bairro pobre, e era necessário responder depressa.  
Otelo, numa altura em que Shakespeare não existia,  
Podia ser tudo: de marca de sabão a glamorosa  
Introdução à viagem. Pato não oferecia tantas dúvidas,  
Era uma ave que fazia quá-quá nos manuais de segunda  
Classe e caminhava com a graça de Charlot (esse sim,  
um herói, embora eu preferisse, nesse tempo,  
o Harold Loyd). Assim, entre a escuridão que Otelo  
representava e o ridículo de um Pato, eu decidi-me,

embora a medo, por este. (À mesma pergunta, dois anos depois, eu teria rugido com mais forte entusiasmo a resposta; que só podia ser Eanes!, o jovial e capcioso companheiro de Sandokan.) Votava, sem o saber, por critérios não muito distintos dos que sempre movem, ó democracia!, a massa emocional dos eleitores que contam. Entre o ridículo e um buraco negro, escolhemos, Hoje e ontem, a elite que tão bem nos representa: A diferença nenhuma. Resta dizer que a minha aposta Em Pato esbarrou no sarcasmo de Tono Bom. Para quem Otelo era, claramente, o candidato que podia.

### **OLGA COVAL (Ninguéns – Eduardo Galeano)**

As pulgas sonham com comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico a sorte chova de repente, que chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:

Que não são, embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialectos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

### **CATARINA MATOS (Cântico Negro – José Régio)**

"Vem por aqui" - dizem-me alguns com os olhos doces

Estendendo-me os braços, e seguros

De que seria bom que eu os ouvisse

Quando me dizem: "vem por aqui!"

Eu olho-os com olhos lassos,

(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)

E cruzo os braços,

E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:  
Criar desumanidade!  
Não acompanhar ninguém.  
- Que eu vivo com o mesmo sem-vontade  
Com que rasguei o ventre à minha mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde  
Por que me repetis: "vem por aqui!"?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,  
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi  
Só para desflorar florestas virgens,  
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!  
O mais que faço não vale nada.

Como, pois sereis vós  
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem  
Para eu derrubar os meus obstáculos?..  
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil!  
Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,  
Tendes jardins, tendes canteiros,  
Tendes pátria, tendes tectos,  
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...  
Eu tenho a minha Loucura !  
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,  
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém.  
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;  
Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!  
Ninguém me peça definições!  
Ninguém me diga: "vem por aqui!"  
A minha vida é um vendaval que se soltou.  
É uma onda que se alevantou.  
É um átomo a mais que se animou...  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
- Sei que não vou por aí!

**LURDES TELMO (a definir)**

**RUI AMADO (Panfleto contra a paisagem X – José Gomes Ferreira)**

